

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

História

3º ano



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

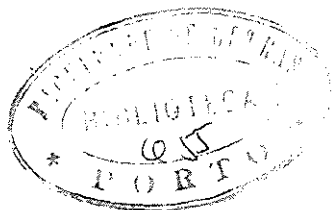
1992/93

C.B. = 657464

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

XIII



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1992/93

Guia do Estudante da FLUP. HIS: 3º Ano.
Vol. 13, 1992-93
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: 100 exemplares

INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE - 1991

INTRODUÇÃO

A publicação da 13ª edição do Guia do Estudante, referente ao ano lectivo de 1992-93, insere-se numa linha de continuidade com anteriores brochuras, tendo como objectivo fundamental a divulgação dos conteúdos programáticos ministrados nas diversas disciplinas dos diferentes cursos.

Outras informações há, contudo, que são igualmente importantes para discentes e docentes, respeitantes aos Serviços da Faculdade, à actividade escolar, às indicações pedagógicas, às indicações académicas, ao calendário das provas em 1992-93, às publicações da Faculdade, aos Colóquios e Congressos promovidos ou apoiados pela F.L.U.P., às Actas de Colóquios e Congressos e, muito particularmente, às Normas de Avaliação. Quanto a estas últimas, é fundamental uma leitura atenta do seu articulado e a observância do que se encontra estipulado, por forma a evitar situações que possam perturbar o normal funcionamento das disciplinas, das aulas e da actividade docente.

Este Guia pretende, dentro dos seus limites, contribuir para um ano lectivo 1992/93 que seja a todos os títulos frutuoso, eficaz, sem sobressaltos desnecessários e com o maior número possível de realizações individuais e colectivas.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1992

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVICOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
" de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- d) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultaneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

- 1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.
- 2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.
- 3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.
- 4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.
- 5- Literatura Medieval. Cultura Medieval, 1992.
- 6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses

- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia
- " de Ciências da Educação
- " de Estudos Franceses

Sala Brasileira

- " Espanhola
- " Neerlandesa
- " de História Moderna
- " de História Medieval

Centro de História

- " de Linguística
- " de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:
2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00
Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

História (Variante Arte)

História (Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º, 4º e 5º anos).

b) Tradução

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados: História Medieval

História Moderna e Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

Filosofia do Conhecimento

Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas

Estudos Anglo-Americanos

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório (Port. 850/87):

1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

a) Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.

b) Para se candidatarem à admissão nestes cursos, os alunos devem pertencer a uma variante de licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas que inclua línguas estrangeiras e estar em condições de transitarem do 2º para o 3º anos.

c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Candidaturas: de 15 de Agosto a 7 de Setembro (inclusivé)

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 21.7.92)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1992-1993. Estas Normas contêm algumas alterações pontuais relativamente às normas vigentes no ano anterior, por se ter entendido que era necessário reajustar alguns dos critérios às necessidades que a prática pedagógica demonstrou existirem. Em alguns outros casos entendeu-se por bem ser-se mais claro e rigoroso na formulação dessas mesmas normas; finalmente, o Conselho deliberou propor à Escola a abolição das segundas chamadas da primeira época, alargando, em contrapartida, o número de exames que os alunos podem realizar na segunda época (Setembro). (À data da publicação deste Guia esta proposta aguarda ainda parecer favorável do Conselho Científico da FLUP e subsequente homologação da Reitoria).

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:
 - a. Avaliação contínua.
 - b. Avaliação periódica.
 - c. Avaliação final.
2. Nos termos do ponto 1 do artigo 5º é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação.
3. Além das modalidades de avaliação referidas há ainda o caso particular das disciplinas que funcionam em seminário e que têm requisitos especiais regulamentados nestas normas no artigo 18º.
4. Em disciplinas determinadas pelo respectivo docente poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo definidos nos termos dos artigos 2º e 17º.

5. Em casos determinados em consequência do conteúdo científico da disciplina, pode ser obrigatória a existência de trabalhos de campo ou de investigação.

Artº 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando de acordo com as disposições respectivas destas normas:

- a) Objectivos pedagógico-didácticos;
- b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, eventualmente será combinada com outras modalidades;
- c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;
- d) os índices e critérios de ponderação final de cada uma das componentes de avaliação (trabalhos de investigação, trabalhos de campo, diferentes componentes de avaliação nas aulas práticas e teóricas, seja em avaliação periódica, seja em avaliação contínua).
- e) o número e o tipo de testes mínimo para a respectiva disciplina na modalidade de avaliação contínua.

2. Aquilo que for definido em 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente respectivo no livro de sumário máximo até ao 5º sumário.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina e conteúdos leccionados.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua consiste na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e

orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos e orais, ou outras.

2. Uma das provas tem de ser um teste escrito realizado na própria sala de aula e em presença do docente.

3. Os alunos devem ser e estar claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação, conforme o registado no livro de sumários nos termos do artigo 2º.

4. Os alunos devem ser e estar informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação oral nas aulas, assim como dos critérios de ponderação adoptados.

5. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

6. As classificações de avaliação contínua são ponderadas em números inteiros na escala de 0 a 20 para efeitos de afixação nas pautas oficiais, conforme o estipulado no artigo 19º destas normas.

Artº 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 35 alunos.

2. O quantitativo referido no ponto anterior pode ser alterado após autorização do Conselho Pedagógico havendo recomendação do docente ou requerimento dos alunos.

3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 5 - Combinação de modalidades de avaliação

1. Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas.

2. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve, neste caso, ser concretamente explicitada nos termos do artigo 2º, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

3. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, cumprindo o disposto no artigo 2º, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, prática e teórica, sendo para tal obrigatória nota mínima de 8 a cada uma das componentes.

4. Na situação prevista no ponto 1, em caso de avaliação negativa (inferior a 8) numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Artº 6 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 2/3 das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

3. Na situação do número 1 do artigo 5º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Artº 7 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, tendo direito a submeter-se à avaliação final na primeira época, até ao fim do primeiro período de avaliação periódica, no caso das línguas vivas; e até à primeira aula da disciplina a seguir às férias da Páscoa, nas restantes disciplinas.

3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao professor.

Artº 8 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme o estipulado no ponto 5 do artigo 14º.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 9 - Tipos de provas

1. O número de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2º.

2. Além das disciplinas referidas no ponto um, nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deve ser previamente acordada entre docente e alunos, nos termos do artigo 2º.

3. Quaisquer outras provas, orais e escritas, que venham a ser realizadas no âmbito de cada disciplina são facultativas excepto no caso das línguas vivas, conforme o estipulado no artigo 13º, relativo à obrigatoriedade de uma prova oral.

4. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

5. Sempre que as classificações das provas que excedam o número mínimo de duas sejam consideradas para efeito de média final, devem ser publicadas em pauta como as restantes.

Artº 10 - Repescagem

1. Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal.

2. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser obrigatoriamente positiva para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

3. Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas, ou a ela tenham faltado, têm direito a repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova nas condições do ponto 2.

4. Também têm direito a realizar a prova de repescagem os alunos que tenham obtido numa das provas 8 valores, desde que a média final não seja positiva.

5. A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui.

6. Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota.

7. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas obrigatórias a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 11 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Alunos que não compareçam à primeira prova, mas queiram optar por esta modalidade de avaliação, devem informar o responsável da cadeira até dez dias úteis após o reinício das aulas.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto em nenhum dos dois pontos acima referidos optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que não compareceu à segunda prova de avaliação periódica perde, por isso, o direito a esta modalidade de avaliação salvo se

comunicar ao professor até três dias úteis após a realização da mesma que tenciona manter-se nesta modalidade.

5. Presume-se que um aluno que não cumpra com o procedimento referido no ponto 4 deste artigo optou pela avaliação final.

6. A desistência de uma prova durante a sua realização equivale à classificação de zero valores.

7. Um aluno que compareça a duas ou mais provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 14º, relativo aos alunos do 4º ano.

Artº 12 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno em avaliação periódica que não tenha tido classificação positiva na primeira prova, compareça à segunda e não tenha igualmente classificação positiva nesta ou dela desista, considera-se reprovado.

2. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme os artigos 14º e 16º das actuais normas.

Artº 13 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 9º, 10º e 11º, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são em número de duas e precedem a oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a fixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 20º.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 19º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, não podendo nunca ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para efeitos de média final nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 14 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Na primeira época de exames finais há apenas uma chamada por cada disciplina, tal como nas épocas de recurso e especial.

3. Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2º.

4. Os alunos podem realizar exames sem limite quantitativo a qualquer disciplina em regime de avaliação final na época de Setembro.

5. Para os alunos que realizem exames na segunda época (Setembro) como recurso de classificações negativas obtidas na primeira época, em qualquer modalidade de avaliação, existe um limite de duas disciplinas anuais e quatro semestrais.

6. Na época especial (normalmente em dezembro), os alunos podem prestar provas de exame final a duas disciplinas ou quatro semestrais (no máximo), desde que com a aprovação em tais disciplinas reúna as condições necessárias à obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4º ano dos diversos cursos podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou avaliação contínua na 1ª chamada da 1ª época de exames finais, em alternativa a Setembro.

(Conforme o referido no preâmbulo algumas das cláusulas deste artigo aguardam homologação.)

Artº 15 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação apenas uma vez a cada disciplina. Esta melhoria pode ser realizada até à época de recurso do ano lectivo seguinte àquele em que os alunos obtiveram aprovação.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas, têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

3. Os alunos podem requerer melhoria de classificação relativamente a qualquer disciplina e sem restrição numérica de disciplinas.

4. No exame para melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 16 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas de aula abertas ao público e perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no artº 19.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral, arredondada para números inteiros, na escala 0 a 20, segundo o estipulado no artº 19.

6. Nas disciplinas de línguas vivas a prova oral é sempre obrigatória, desde que o aluno tenha obtido nota igual ou superior a 8 valores.

7. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina que não as línguas por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO E SEMINÁRIOS

Artº 17 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação um trabalho em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da realização do trabalho; o docente deve acompanhar de perto a elaboração do trabalho em todos os seus trâmites.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual desde que essa diferenciação seja objectivamente fundamentada e esta possibilidade tenha sido comunicada pelo docente no início do trabalho.

Artº 18 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currícula das licenciaturas e designadas enquanto tal nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação, docente e aluno ficam obrigados a participar num número de reuniões a determinar no início do seminário.

3. A avaliação a realizar nessas reuniões é de natureza qualitativa.

4. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação ainda que sem prejuízo dos trabalhos a realizar.

5. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem às normas estipuladas no artigo 17.

6. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2º.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 19 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final bem como esta última são publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações afixadas em pauta são apresentadas em números inteiros.

3. Para o cálculo de médias finais as décimas são arredondadas à unidade por defeito até ao meio valor, exclusive, e por excesso a partir do meio valor, inclusive.

4. Quaisquer outras escalas utilizadas pelo docente no âmbito das suas classificações terão de ser convertidas à escala referida nos pontos anteriores para efeitos de classificações finais e periódicas.

Artº 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias antes da realização da segunda prova de avaliação periódica.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizaram.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 24 horas antes da data do início do prazo das inscrições nas disciplinas do ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificadas, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

3. Caso o Conselho Pedagógico considere existir alguma irregularidade processual nas classificações ou lhe seja remetido algum requerimento apontando tais irregularidades, tomará as providências que entender necessárias no sentido de resolver a situação.

Artº 22 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.

2. Em caso de fraude comprovável o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3. Caso haja apenas suspeitas de fraude deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas todas as partes envolvidas.

4. No caso de fraude grave comprovada o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 23 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas têm o direito de exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.

2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças e recolher as assinaturas de todos os alunos presentes; essa folha de presenças devidamente datada e rubricada, deve ser entregue ao docente responsável da disciplina juntamente com as provas respectivas.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 24 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplina do mesmo ano. O prazo é de 48 horas (dias úteis) depois de afixados o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico delegará num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

Calendário das provas em 1992-1993
(Aprovado na reunião do Conselho Pedagógico de 12.07.91)

Avaliação periódica:

Primeiras provas: de 25 de Janeiro a 13 de Fevereiro de 1993 (Reinício de aulas: 15 de Fevereiro de 1993)

Segundas provas: de 31 de Maio a 19 de Junho de 1993

Fim de aulas: 28 de Maio de 1993

Exames finais:

Época normal: de 21 Junho a 10 de Julho de 1993.

Época de recurso: de 6 a 22 de Setembro de 1993

PUBLICAÇÕES:

1. REVISTAS

Revista de Faculdade de Letras:

História, II série: 1984 ss.

Filosofia, II série: 1985 ss.

Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.

Geografia, 1985 ss.

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série, 1980 ss

Runa. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 1990 ss.

2. OUTRAS PUBLICAÇÕES:

Bibliografia Cronológica da Espiritualidade em Portugal. 1501-1700, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo II", 1988

Dois Línguas em Contraste: Português e Alemão. Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras-Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989

FARDILHA, Luís Fernando de Sá - Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana, Edição das suas fontes, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo IV", 1991

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

3. TRABALHOS PUBLICADOS EM COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES:

FERNANDES, José Alberto V. Rio - A Foz. Contribuição para o Estudo do Espaço urbano do Porto, Porto, INIC/FLUP, 1985

HOMEM, Armando Luís de Carvalho - O Desembargo Régio (1230-1433), Porto, INIC/Centro de História (UP), "História Medieval - 5", 1990

MARQUES, Helder - Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Ensaio de Geografia Humana, Porto, INIC/FLUP, 1985

MARQUES, João Francisco - A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina, Porto, INIC/Centro de História (UP), "História - 6", 1986

MARQUES, João Francisco - A Parenética Portuguesa e a Restauração - 1640-1668; 2 vols., Porto, INIC/Centro de História (UP), "História Moderna e Contemporânea - 2", 1988

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro - Abordagem a Alguns Aspectos da Compreensão Verbal na Criança. Estudo Psicolinguístico do "Token Test" e de Materiais de Metodologia Complementar, Porto, INIC/Centro de Linguística (UP), "Linguística - 8", 1988

3.1. Com o NÚCLEO DE ESTUDOS FRANCESES DA UNIVERSIDADE DO PORTO:

3.1.1. REVISTA:

Intercâmbio, 1990

3.1.2. OUTRAS PUBLICAÇÕES:

BRITO, Ferreira de - Nas Origens do Teatro Francês em Portugal, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - Revolução Francesa. Emigração e Contra-Revolução, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - Voltaire na Cultura Portuguesa. Os Tempos e os Modos, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1991

3.2. Com a BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO:

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989

PUBLICAÇÃO DE ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS REALIZADOS OU PARTICIPADOS PELA FLUP:

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), "Revista de História", Porto, INIC/Centro de História UP, vol. II, 1979, vol. III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de 1983), "Portugalia", Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa,

"Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

I Congresso de Literaturas Marginais (Faculdade de Letras do Porto, Abril de 1987) (No prelo)

Victor Hugo e Portugal. Actas do Colóquio (No Centenário da sua Morte) (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fondation Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988)

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988)

Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua época", 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

Encontro de Literatura Suíça (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1989), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, 1989

Eca e "Os Maias", I Encontro Internacional de Queirozianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA FACULDADE (Divulgação interna):

CONSELHO DIRECTIVO:

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss.

Faculdade de Letras, 1988-1989, Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS NORTE DE PORTUGAL - AQUITÂNIA (CENPA):

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia, Porto, Universidade do Porto - Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1986

PEREIRA, Gaspar Martins - O Douro. A Vinha, o Vinho e a Região de Pombal a João Franco, Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1990

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO (AEFLUP):

I. Revista

Humanidades, 1982 ss.

PROGRAMAS

NOTA: Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1992-93. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

HISTÓRIA MODERNA DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Luís A. de Oliveira Ramos
Dr^a Helena Osswald

Política e diplomacia (sécs. XVI-XVIII)

1. Condicionamentos da vida política e diplomática.
2. As grandes opções: os problemas internos na sua relação com a política ultramarina.
3. Portugal e a Europa: vicissitudes e constantes.

O estudo das estruturas correlativas - população, economia, sociedade e instituições - será objecto de adequado tratamento nas aulas práticas.

BIBLIOGRAFIA

- BRASÃO, Eduardo - História da Europa, Ed. D. Quixote, Lisboa, 1990
- DUROSELLE, J.-B. - Tous les Empires périront, Paris, 1970
- GODINHO, Vitorino Magalhães - A estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa, 3^a ed., col. Temas Portugueses, Lisboa, Arcádia, 1977, 3^a Ed.
- "- Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar Séculos XIII a XVIII, Difusão Editorial Ld^a, Lisboa, 1990
- "- Descobrimientos e economia mundial, Lisboa, Ed. Presença, 1981-83, 2^a Ed.
- HESPANHA, António Manuel - As vésperas do Leviathan. Instituições e Poder Político. Portugal século XVII, 1986
- MACEDO, Jorge Borges de - História Diplomática Portuguesa. Constantes e linhas de força. Estudo da geopolítica, col. Defesa Nacional, s.l., Instituto de Defesa Nacional, 1987
- MAGALHÃES, J. Calvet - Breve História Diplomática de Portugal, Lisboa, Europa-América, Lisboa, 1990
- MARTÍNEZ, P. Soares - História Diplomática, Lisboa, Verbo, 1986
- MARQUES, A. H. de Oliveira - História de Portugal, Lisboa, 1982

OLIVEIRA, A. - Poder e oposição política em Portugal no período filipino (1580-1640), Lisboa, Difel, 1991

ORTIZ, Antonio Domínguez - Sociedad y Estado en el siglo XVIII espanol, Ed. Ariel, Barcelona, 1981

PERES, Damião - História de Portugal, Barcelos, 1928-35

RÉMOND, R. - La politique, Ed. Seuil, Paris, 198

RENOUVIN, P. - Histoire des relations internationales, Hachette, Paris, 1954

SARAIVA, A.J. - Historia da Cultura em Portugal, Lisboa, 1950-1955

SARAIVA, J.H. ed. al. - Historia de Portugal, Lisboa, Publ. Alfa, 1985-86

SERRÃO, Joaquim Veríssimo - História de Portugal, Lisboa, Ed. Verbo, 1977-1989

SERRÃO, J. - Cronologia Geral da História de Portugal, Lisboa, Iniciativas Ed., 1973

VICENS VIVES, J. ed. al. - Historia de Espana y America-social y economica, Barcelona, Ed. V. Vives, 1982 (4ª reed.)

SOCIEDADE, ECONOMIA E POLÍTICA NA ÉPOCA MODERNA

Docentes: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva
Dr. Ivo Carneiro de Sousa

1. As grandes linhas da evolução económica do mundo moderno.
 - 1.1. a expansão e o capitalismo do séc. XVI.
 - 1.2. a crise do séc. XVII.
 - 1.3. o apogeu do século XVIII.

2. As estruturas e as hierarquias sociais do Antigo Regime.
 - 2.1. a aristocracia e a nobreza.
 - 2.2. o clero.
 - 2.3. os mestirais e o campesinato.
 - 2.4. a burguesia.

3. Sistemas de governo e formas de poder.
 - 3.1. os impérios.
 - 3.2. as monarquias absolutas.
 - 3.3. os sistemas liberais.

4. Revoluções e rebeliões na época moderna.
 - 4.1. as pré-condições de revolta.
 - 4.2. os processos de subversão.
 - 4.3. os resultados. a repressão.

5. Temas de trabalho prático e investigação.
 - 5.1. Sociedade, economia e estratificação social no Antigo Regime. Sociabilidade e estruturas familiares.
 - 5.2. Doutrinas, programas, cultura política e pensamento utópico no período moderno.
 - 5.3. A construção das monarquias absolutas.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Michael - Elementos para a História da Família Ocidental (1500-1914), Lisboa, Querco, 1984

- ASTON, Trevor - Crisis en Europa 1560-1660, Madrid, Alianza Editorial, 1983
- BENASSAR, B.; JACQUART, F. E outros - História Moderna, Madrid, Akal, 1980
- BENASSAR, Bartolomé - La América Española y la América Portuguesa - siglos XVI-XVIII, Madrid, Akal, 1980
- BERCÉ, Yves-Marie - Revoltes et révolutions dans l'Europe moderne - XVI-XVIII siècles, Paris, PUF, 1980
- " - Le roi caché. Sauveurs et imps. Mythes politiques populaires dans l'Europe moderne, Paris, Fayard, 1990
- BLACK, J. - A military revolution? Military change and Europe Society 1550-1800, London, 1991
- BONNEY, Richard - O Absolutismo, Lisboa, PEA, 1991
- BRAUDEL, Fernand - Civilisation matérielle, économie et capitalisme. XV-XVIII siècles, 3 vols., Paris, A. Colin, 1979
- El mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1980
- BURGUIÈRE, André - Dictionnaire des Sciences Historiques, sous la direction de..., Paris, PUF, 1986
- CHAUSSINAND-NOGARET, G. - La Noblesse au XVIII siècle. De la Féodalité aux Lumières, Bruxelles, Editions Complexe, 1984
- CIPOLLA, Carlo M. - Historia Económica da Europa Pré-Industrial, Lisboa, Edições 70, 1984
- DANTI RIU, J. - Las Claves de la Crisis del siglo XVII. 1600-1680, Barcelona, 1991
- DAVIS, Natalie - Pour sauver sa vie. Les récits de pardon au XVI siècle, Paris, Ed. du Seuil, 1988
- DEYON, Pierre - O Mercantilismo, Lisboa, Gradiva, 1983
- DOMINGUEZ ORTIZ, Antonio - Las clases privilegiadas en el Antiguo Régimen, Madrid, Ediciones Istmo, 1985
- Política Fiscal y cambio social en la España del siglo XVII, Madrid. Instituto de estudios fiscales, 1984
- DUBY, Georges - Atlas historique, Paris, 1987
- ELIAS, Norbert - A sociedade de corte, Lisboa, Ed. Estampa, 1987
- " - O processo civilizacional (I), Lisboa, PDQ, 1989
- ELLIOTT, J. H. (org.)- O velho mundo e o novo 1492-1650, Lisboa, Quercus, 1984
- " - Revoluciones y rebeliones de la Europa moderna, Madrid, Alianza Editorial, 1978

- "- Spain and its World, 1500-1700, New Haven, YUP, 1989
- ERHARD, J. B.; GEICH, J. B. e outros - Que es la Ilustración?, Madrid, 1988
- Etats, Fiscalités, Economies. Actes du cinquième congrès de l'Association Française des Historiens Economistes, Paris, 1985
- FLIN, M. W. - El sistema demografico europeo (1500-1820), Barcelona, 1989
- FRITZ, Gerard - L'idée de peuple en France du XVIIe au XIXe siècle, Estrasburgo, 1988
- GIL PUJOL, X. - Las Claves del Absolutismo y el parlamentarismo, 1603-1715, Barcelona, 1991
- GOUBERT, Pierre - L'Ancien Régime 1 - La Société; 2 - Les Pouvoirs, Paris, A. Colin, 1973
- GRAVES, M. A. R. - Elisabethan Parliaments 1559-1601, Londres, 1987
- GUILLAMÓN ALVAREZ, F. J. - Estado y Fiscalidad en el Antiguo Régimen, Murcia, 1989
- HANAWALT, B.A. - Women an Work in pre-industrial Europe, Bloomington, 1986
- JONES, E. L. - O milagre europeu (1400-1800), Lisboa, Gradiva, 1987
- JOVER ZAMORA, José Maria (dir. de) - Historia de España. T.XIX: El siglo XVI. Economía. Sociedad. Instituciones. T. XXIII: La crisis del siglo XVII. La población. La Economía. La Sociedad, Madrid, Espasa Calpe, 1989
- KAMEN, Henry - La Sociedad Europea (1500-1700), Madrid, Alianza Editorial, 1986
- LAPEYRE, Henri - Les moanrchies européennes du XVI siècle. Les relations internationales, Paris, PUF, 1967
- LE ROY-LADURIE, E. - Les monarchies, sous la direction de..., Paris, PUF, 1986
- LÉON, Pierre - Economies et société pré-industrielles. Tome 2 -1650-1780, A. Colin, 1970
- História Económica e social do Mundo, vol. II, Tomo I e II, Lisboa, Sá da Costa, 1983
- LOVETT, A. W. - La España de los primeros Habsburgos (1517-1598), Barcelona, Ed. Labor, 1989
- MANDROU, Robert - La raison du Prince. L'Europe absolutiste 1649-1775, Verviers, Marabout, 1980
- MARAVALL, Jose Antonio - Estado Moderno y Mentalidad social, siglos XV a XVII, Madrid, Rev. de Occidente, 1972, 2 vols.

- MATHIAS, P. e DAVIS, J.A. - The first industrial Revolution, Oxford, 1990
- MAURO, Frédéric - L'Expansion européenne, Paris, PUF, 1964
 - Europa en el siglo XVI Aspectos economicos, Barcelona, Labor, 1976
- MERTES, Kate - The English Noble Household 1250-1600. Good Governance and Politic Rule, Oxford, Basil Blackwell, 1988
- MILLER, J. - Absolutism in seventeenth - Century Europe, London, 1990
- MOUSNIER, Roland - As hierarquias sociais. de 1450 aos nossos dias, Lisboa, Europa-América, 1974
 - La monarquia absoluta en Europa del siglo V a nuestros dias, Madrid, Ediciones Taurus, 1986
- NICOLAY, N. de Dans l'empire de Soliman, le Magnifique, Paris, 1898
- PARKER, Geoffrey - España y la rebelión de Flandes, Madrid, Ed. Nerea, 1989
- POLITICS and Society in Reformation Europe (Essays for Sir Geoffrey Elton), London, 1987
- REVEL, Jacques - A invenção da Sociedade, Lisboa, Difel, 1990
- RODRIGUEZ SALGADO, M.J. - The Changing Face of Empire. Charles V, Philip II and Habsburg Authority 1551-1559, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1988
- SIMONCINI, Giorgio - Cittá e Societá nel Rinascimento, Torino, Einaudi, 1974
- SIMPLICIO, Oscar di - Las revueltas campesinas en Europa, Barcelona, Ed. Critica, 1989
- STRADLING, R. A. - Europa y el declive de la estructura imperial española 1580-1720, Madrid, Cátedra, 1983
- WALLERSTEIN, Immanuel - Y-at-il une crise du XViiè siècle? in "Annales ESC", Paris, jan.-Março, 1979
- WEBER, Max - Economía y Sociedad, México, FCE, 1983
- ZAGORIN, Perez - Revueltas y revoluciones en la Edad Moderna. T.I. - Movimientos campesinos y urbanos. T.II - Guerras revolucionarias, Madrid, 1985-6

CULTURA E MENTALIDADES NA ÉPOCA MODERNA

Docente: Prof^a Doutora Elvira Azevedo Mea

1. Introdução.
2. Humanismo e Renascimento.
3. Renascimento e Cultura.
4. Renascimento e Reformas.
5. O mundo moderno - novas formas de pensar, sentir e viver.
6. A vida privada - o pecado e o medo no quotidiano.
7. A crise cultural e mental do século XVII.

BIBLIOGRAFIA

ASTON, Trevor - Crisis en Europa 1560-1660, Madrid, Alianza Editorial, 1983.

BAKTHINE, Mikhail - La cultura popular en la Edad Media y en el Renacimiento. El contexto de Rabelais, Barcelona, Barral ED., 1971.

BAROJA, Julio Caro - Las formas complejas de la vida religiosa . Religión, sociedad y carácter en la España de los siglos XVI y XVII, Madrid, Akal, 1978. BATAILLON, Marcel - Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI, trad. de Antonio Alatorre, 2º ed., México-Buenos Aires, 1966.

CHARTIER, Roger - A história cultural entre práticas e representações, Lisboa, Difel, 1988.

CHAUNU, Pierre - Le temps des Réformes. Histoire religieuse et système de civilisation, Paris, Fayard, 1975.

" - Église, culture et société. Réforme et Contre-réforme (1512-1620), Paris, Sedes, 1981.

DANTI, Rui, J. - Las claves de la crisis del siglo XVII(1600-1680), Barcelona, 1991.

DELUMEAU, Jean - La peur en Occident (XIV-XVIII siècles), Paris, Fayard, 1978.

" - Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIII- XVIII siècles), Paris, Fayard, 1983.

" - A civilização do Renascimento, 2vol., Lisboa, Ed. Estampa, 1984.

DIAS, Sebastião José da Silva - A política cultural da época de D. João III, 2 vol., Universidade de Coimbra, 1969.

" - Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI, Universidade de Coimbra, 1973.

DUBY, Georges (dir) - História da vida privada, vols. 2 e 3, Lisboa, ed. Afrontamento, 1990.

ELLIOTT, J. H. (org.) - O velho mundo e o novo 1492-1650, Madrid, Instituto de estudios fiscales, 1984.

FEBVRE, Lucien - Le problème de l'incroyance au 16 siècle. La religion de Rabelais, Paris, 1968.

FLANDRIN, Jean-Louis - Le sexe et l'Occident. Évolution des attitudes et des comportements, Paris, Ed. du Seuil, 1981.

GARIN, Eugenio - Moyen Age et Renaissance, Paris, Gallimard, 1969.

" - L'Umanesimo italiano. Filosofia e vita civile nel Rinascimento, Roma-Bari, Laterza, 1975.

" - La cultura del Rinascimento, Roma-Bari, Laterza, 1976.

MANDROU, Robert - De la culture populaire aux 17 et 18 siècles, Paris, 1964.

MARAVALL, José Antonio - La cultura del Barroco, Barcelona, Ariel, 1983.

" - Estado moderno y mentalidad social, siglos XV a XVII, 2 vol., Madrid, Revista do Occidente, 1972.

VOVELLE, Michel - Mourir autrefois. Attitudes collectives devant la mort aux XVII et XVIII siècles, Paris Gallimard, 1974.

HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS E DA EXPANSÃO PORTUGUESA

Docentes: Prof. Doutor Aurélio de Oliveira
Dr^a Helena Osswald

1. Apresentação e Temário Geral.
2. Âmbito e Natureza da "Expansão Medieval Portuguesa".
3. Ceuta e os primórdios da Expansão.
4. Exploração/Integração geográfica e territorial na área do Atlântico durante o séc. XV.
5. Os Portugueses no Índico. Vectores de Integração geográfica e económica do complexo oriental. A exploração comercial da Rota do Cabo.
6. Os Portugueses no Atlântico Ocidental. O Brasil. As grandes linhas de força da integração/exploração e do Brasil - séc. XVI-XIX.
7. Significado e importância global dos descobrimentos Portugueses para a História da Cultura e das Civilizações.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ALBUQUERQUE, Luís de - Introdução à História dos Descobrimentos, Coimbra, 1962
- " - Os Descobrimentos Portugueses, Alfa, Lisboa, 1983
- BROCHADO COSTA - O Descobrimento do Atlântico, Lisboa, 1958
- CIDADE, Hernâni - A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina, Coimbra, 1963-64, 2 vols.
- CORTESÃO, Armando - História da Cartografia Portuguesa, Lisboa, 1969-70, 2 vols.
- CORTESÃO, Jaime - Os Descobrimentos Portugueses, Livros Horizonte, Lisboa, 1975-1978, 6 vols.
- " - "Obras Completas", Livros Horizonte, 1^a ou outras edições:
- Os Factores Democráticos na Formação de Portugal;
 - Os Portugueses em África;
 - A Expansão dos portugueses no período Henriquino;
 - Os Descobrimentos Pré-Colombinos dos Portugueses;
 - A Expedição de Pedro Álvares Cabral;
 - A Carta de Pero Vaz de Caminha;
 - A Colonização do Brasil;

- O Império Português do Oriente;
- O Humanismo Universalista dos Portugueses;
- A Expansão dos Portugueses na História da Civilização;
- Teoria Geral dos Descobrimientos Portugueses

COSTA, Fontoura da - A Ciência náutica dos Portugueses na época dos Descobrimientos, Lisboa, 1958

DIAS, Manuel Nunes - O Capitalismo monárquico português 1415--1549, Coimbra, 1963, 1º vol.

DIAS, Malheiro (Dir. de) - História da Colonização Portuguesa no Brasil, Porto, 1921-24, 3 vols

DIAS, José Sebastião da Silva - Os Descobrimientos e a Problemática Cultural do Século XVI, Coimbra, 1973

GODINHO, Vitorino Magalhães - A Economia dos Descobrimientos Henriquinos, Lisboa, 1972

" - Ensaio. II. Sobre História de Portugal, Lisboa, 1968

" - Os Descobrimientos e a Economia Mundial, Lisboa, 1982-83, 4 vols.

" - História Económica e Social da Expansão Portuguesa, Lisboa, 1947

" - Os Descobrimientos. Inovação e Mudança nos sécs. XV e XVI, in "Revista de História Económica e Social", nº2, (Julho-Dezembro), 1978

" - Mito e Mercância. Utopia e Prática de Navegar. Séculos XIII-XVIII. Edifel, Lisboa, 1990

GUERREIRO, Amaro - Panorama Económico dos Descobrimientos Henriquinos. Lisboa, 1961

MARQUES, Alfredo Pinheiro - Origem e Desenvolvimento da Cartografia Portuguesa na Época dos Descobrimientos, Lisboa, 1987

LEITE, Duarte - História dos Descobrimientos, Lisboa, 1959-62, 2 vols.

PERES, Damião - História dos Descobrimientos Portugueses, Coimbra, 1960, 2ª ed. (ou outras edições).

RIBEIRO, Orlando - Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa, Lisboa, 1962

SARAIVA, António José - História da Cultura em Portugal, Lisboa, 1950-62, 3 vols.

SANTARÉM, Visconde de - Prioridade dos Descobrimientos Portugueses, (Memória sobre a Prioridade dos Descobrimientos Portugueses na Costa da África Ocidental), Lisboa, 1958

Textos de apoio:

ALBUQUERQUE, Afonso de - Cartas, ed. da Ac. Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa, 1814-1935, t.I-VII

BAIÃO, António - O Manuscrito Valentim Fernandes, Lisboa, 1960

- BARROS, João de - Ásia (Décadas I e II), Imprensa Nacional--Casa da Moeda, Lisboa, 1988
- CADAMOSTO, Luís de - Navegações (de Luís de Cadamosto) ed. de G. Carlo Rossi. Lisboa, 1944
- CAMINHA, Pero Vaz - Carta (de achamento do Brasil). Ed. de Jaime Cortesão; A Carta de Pero Vaz de Caminha. Lisboa, 1960
- CASTRO, D. João de - Roteiro de Goa a Suez ou do Mar Roxo. Lisboa, 1940. (ed. de Fontoura da Costa).
- COUTO, Diogo do - O Soldado Prático, Sá da Costa, Lisboa, 1937
- GARCIA, José Manuel - Viagens dos Descobrimentos, Lisboa, 1983
- GODINHO, Vitorino Magalhães - Documentos sobre a Expansão Portuguesa, Lisboa, 1945, 3 vols.
- GOMES, Diogo - Relações de Descobrimento, Ed. Gabriel Pereira, Lisboa, s.d.
- IRIA, Alberto - Descobrimentos Portugueses. O Algarve e os Descobrimentos. Vol.II, t.I e II, INIC, Lisboa, 1988
- LOPES, Fernão - Crónica de D. Fernando, Porto, 1966
- " - Crónica de D. João I, Porto, 1933-35, 2 vols
- PEREIRA, Duarte Pacheco - Esmeraldo de Situ Orbis, F.C. Gulbenkian, Lisboa, 1991 (ed. de L.J. Barradas de Carvalho)
- PINTO, Fernão Mendes - Peregrinação, Ed. Sá da Costa, Lisboa, 1961-74. 3 vols. (ou outra qualquer edição)
- SILVA MARQUES, J.M. da - Descobrimentos Portugueses. Documentos para a sua História. Vol.I. 1147-1460; Suplemento ao Vol.I. 1057-1460. Vol.III. 1461-1500. INIC. Lisboa, 1988
- ZURARA, Gomes Eanes de - Crónica da Tomada de Ceuta, por ElRei D. João I. Lisboa. 1915
- " - Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné, Porto, 1937
- " - Crónica do Conde D. Pedro de Menezes. Porto. 1988 (ed. J.A. de Freitas de Carvalho)

N.B. Outras indicações bibliográficas serão dadas ao longo do curso, consoante os temas referenciados.

EPIGRAFIA E NUMISMÁTICA

I Parte - EPIGRAFIA

Docente: Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva

1. Introdução.
2. A Epigrafia Latina.
 - 2.1. As inscrições Romanas.
 - 2.1.1. O alfabeto e a escrita.
 - 2.1.2. Os monumentos epigráficos.
 - 2.1.2.1. As inscrições votivas.
 - 2.1.2.2. As inscrições funerárias.
 - 2.1.2.3. As inscrições honoríficas e monumentais.
 - 2.1.2.4. As "tesserae hospitales".
 - 2.1.2.5. Os marcos divisórios e miliários.
 - 2.1.2.6. Varia.
 - 2.1.3. A arqueologia dos monumentos.
 - 2.1.4. Aspectos linguísticos e onomástica.
 - 2.1.5. Sistemas cronológicos.
 - 2.2. A Epigrafia Latina do Norte de Portugal.
 - 2.2.1. Epigrafia, mundo indígena e romanização.
 - 2.2.2. Epigrafia e economia, sociedade, religião e cultura.
 - 2.3. As inscrições medievais.
 - 2.3.1. A epigrafia cristã.
3. A Epigrafia Portuguesa.
4. Conclusão.

Aulas práticas - leitura, transcrição e reprodução de monumentos epigráficos: técnicas, crítica e interpretação.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

BATTLE HUGUET, P. - Epigrafia latina, Barcelona, 1946

BLOCH, R. - L'Épigraphie latine, P.U.F., Col. Que sais-je?, n°534, Paris, 1952

CAGNAT, R. - Cours d'épigraphie latine, "L'Erma" di Bretschneider, Roma, 1964 (4ª ed.)

COSTA, A. J. - Apointamentos de epigrafia. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1972 (2ª ed., dactilog.)

ENCARNAÇÃO, J. d' - Introdução ao estudo da epigrafia latina, Cadernos de Arqueologia e Arte n°1, Coimbra, 1979; Inscrições romanas do conventus pacensis, Coimbra, 1984

GORDON, A. E. - Latin epigraphy, Univ. California Press, Berkeley - Los Angeles, London, 1983

HUBNER, E. - Corpus inscriptionum latinarum (=CIL), II, Berlim, 1869. Suplemento (=CIL II S), 1892

MALLON, J. - De l'écriture, C.N.R.S., Paris, 1982

SANDYS, J. E. - Latin epigraphy, 1969 (reimp. de 2ª ed., 1927)

SILVA, A.C.F. - As tesserae hospitales do Castro da Senhora Saúde, Gaya, 1, V.N.Gaia, 1926, p. 9-26

SOUSA, J. M. C. - Apontamentos de epigrafia portuguesa, 2ª ed., 1937

SUSINI, G. - Il lapicida romano, Bolonha, 1966

VIVES, J. - Inscripciones latinas de la España romana, (=ILER), Barcelona, 1971-2

II Parte - NUMISMÁTICA

Docente: Prof. Doutor Rui Manuel Centeno

I. Introdução.

- 1.1. As origens da moeda ocidental.
- 1.2. Os elementos da moeda.
- 1.3. Técnicas da amoedação.
- 1.4. A descrição e classificação de moedas.
- 1.5. Normas para a ordenação de um catálogo.
- 1.6. Os achados monetários: sua importância, interpretação e estudo.
- 1.7. A Numismática e Arqueologia.
- 1.8. A moeda, testemunho da História.
- 1.9. As novas orientações da investigação numismática.
- 1.10. Os estudos de Numismática Antiga em Portugal: um balanço.
- 1.11. Noções sobre a limpeza e conservação das moedas.
- 1.12. Moldagem, decalque e fotografia de moedas.

II. A numismática romana: uma panorâmica.

III. Iniciação à numismática ibérica.

IV. O estudo da circulação monetária: metodologia e problemática.

BIBLIOGRAFIA

- Aspects de la monnaie, "Diogène", 101-102, Paris, 1978
- CARCASSONE, Ch. - Méthodes statistiques en numismatique, Lovaina, 1987
- CARSON, R.A.G. - Coins of the Roman Empire, Londres, 1990
- CASEY, P. J. - Understanding Ancient Coins. An Introduction for Archaeologists and Historians, Londres, 1986
- CENTENO, R. M. S. - Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192, Porto, 1987
- CRAWFORD, M. H. - Roman Republican Coinage, Cambridge, 1974
- "- La moneta in Grecia e a Roma, Roma/Bari, 1982
- "- Coinage and Money under the Roman Republic, Londres, 1985
- GRIERSON, Ph. - Monnaies et monnavage. Introduction à la numismatique, Paris, 1976
- "- The Origins of Money, Londres, 1977
- HIPÓLITO, M. C. - Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, "Conimbriga", II-III, 1960-61, pp. 1-166
- JENKINS, G. K. - Monnaies grecques, Friburgo, 1972
- KOUYMJIAN, D. - The Conservation and Preservation of Ancient Coins, Paris, 1977
- KRAAY, C. M. - Archaic and Classical Greek Coins, Londres, 1876
- MACDOWALL, D. W. - Coin Collections, their Preservation, Classification and Presentation, Paris, 1978
- MATINGLY, H. et alii - The Roman Imperial Coinage, 10 vols., Londres, 1923-1984 (vol. X ainda não publicado)
- Metallurgy in Numismatics, vol. I e II, Londres, 1980 e 1988
- Methods of Chemical and Metallurgical Investigation of Ancient Coinage, Londres, 1972
- PEREIRA, I. et alii - Fouilles de Conimbriga. III. Les monnaies, Paris, 1974
- REECE, R. - Coinage in Roman Britain, Londres, 1987
- SUTHERLAND, C. H. V. - Monnaies romaines, Friburgo, 1974
- VILLARONGA, L. - Numismática antigua de Hispania. Iniciación a su estudio, Barcelona, 1979
- "- Estadística aplicada a la numismática, Barcelona, 1985
- VIVES Y ESCUDERO, A. - La moneda hispánica, 5 vols. + 1 vol de ests., Madrid, 1924-1926

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA

Docente: Prof. Doutor Rui Manuel Sobral Centeno

1. O urbanismo romano.

- 1.1. Introdução.
- 1.2. Antecedentes Gregos e Etruscos.
- 1.3. A Cidade Romana.
- 1.4. Desenvolvimento Urbano de Roma.

2. A construção romana.

- 2.1. Materiais.
- 2.2. Técnicas de Construção.
- 2.3. Ordens Arquitectónicas.
- 2.4. Molduras e Motivos Ornamentis da Decoração Arquitectural.

3. Análise de alguns edifícios típicos da cidade romana.

- 3.1. Forum e Edifícios Cívicos Anexos.
- 3.2. Templos.
- 3.3. Monumentos Comemorativos e Honoríficos.
- 3.4. Edifícios de Espectáculos e de Cultura.
- 3.5. Monumentos das Águas: Aquedutos, Cisternas, Fontes, Ninfeus e

Termas.

- 3.6. Arquitectura Doméstica e Comercial.
- 3.7. Muralha da Cidade.
- 3.8. Monumentos Funerários.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALARCÃO, J. - "Arquitectura romana", História da Arte em Portugal, vol. I, Lisboa, Publ. Alfa, 1986, p.75-109

BEDON, R.; CHEVALLIER, R.; PINON, P.- Architecture et urbanisme en Gaule romaine, 2 vols., Paris, 1988

BIANCHI BANDINELLI, R. - Rome. Le centre du pouvoir, Paris, 1968

BOETHIUS, A. - Etruscan and early roman architecture, Harmondsworth, 1978

- CAGNAT, R.; CHAPOT, V. - Manuel d'archéologie romaine, 2 vols., Paris, 1917-1920
- CREMA, L. - L'architettura romana, Turim, 1959
- DINSMOOR, W.B. - The Architecture of Ancient Greece, N. Iorque/Londres, 1950 (reimpr. 1975)
- " - Enciclopedia dell'arte antica classica e orientale, 12 vols., Roma, 1958-85
- GARCIA Y BELLIDO, A. - Arte romano, Madrid, 1972 (reimpr. 1979)
- GRENIER, A. - Manuel d'archéologie gallo-romaine, 4 vols., Paris, 1931-60
- GRIMAL, P. - Les villes romaines, Paris, 1971
- KÄHLER, H. - Rome et son Empire, Paris, 1963
- MACDONALD, W. L. - The architecture of the Roman Empire, I. An introductory study; II. An urban appraisal, New Haven/Londres, 1982 e 1986
- MACREADY, S.; THOMPSON, F.H. (ed.) - Roman Architecture in the Greek World, Londres, 1987
- PELLETIER, A. - L'urbanisme romain sous l'Empire, Paris, 1982
- PICARD, G. - Empire Romain, Friburgo, 1965
- RICHARDSON (Jr.), L. - Pompeii. An Architectural History, Baltimore/Londres, 1988
- RIVOIRA, G.T. - Architettura romana, Milão, 1921
- SAGLIO, E.; DAREMBERG, CH.; POTIER, E. - Dictionnaire des antiquités grecques et romaines, 9 vols., Paris, 1877-1919
- SEAR, F. - Roman Architecture, Londres, 1982
- VITRÚVIO - De architectura.
- WARD-PERKINS, J. B. - Roman imperial architecture, Harmondsworth, 1981

HISTÓRIA DA ARTE MODERNA EM PORTUGAL

Docente: Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira Alves

1. Introdução.

- 1.1. O artista e o artífice na arte portuguesa dos séculos XVI ao XVIII.
- 1.2. Tratados de Arquitectura. Estampas. Gravuras.
- 1.3. O contrato.

2. Arquitectura - séculos XVI-XVIII.

- 2.1. Arquitectura Manuelina.
- 2.2. Arquitectura Renascentista.
- 2.3. Arquitectura Maneirista/Estilo Chão.
- 2.4. Arquitectura Barroca.
- 2.5. As diversas "nuances" no campo da arquitectura na segunda metade do século XVIII.

3. Escultura - séculos XVI-XVIII.

- 3.1. A importância dos portais manuelinos na escultura portuguesa do primeiro quartel do século XVI.
- 3.2. Os escultores franceses Nicolau Chanterene, Filipe Hodarte e João de Ruão e a adopção do vocabulário renascentista.
- 3.3. A imaginária no século XVII: a escultura ao serviço das normas tridentinas.
- 3.4. A escultura em Portugal no século XVIII.
- 3.5. A talha no interior das igrejas portuguesas: uma outra forma de escultura.

4. Pintura - séculos XVI-XVIII.

- 4.1. A pintura em Portugal na primeira metade do século XVI.
- 4.2. Pintura Maneirista.
- 4.3. Pintura Barroca.

5. Azulejaria - séculos XVI-XVIII.

6. Ourivesaria - séculos XVI-XVIII.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

Dicionário da arte barroca em Portugal, Lisboa, Editorial Presença,

1989

Dicionário da pintura portuguesa, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, 1973

História da Arte em Portugal, vols. 5, 6, 7, 8, 9, 10, Lisboa, Publicações Alfa, 1986

KUBLER, George - A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes 1521-1706, Lisboa, Vega, 1988

* - Ao longo do ano será dada bibliografia específica sobre cada um dos temas do programa.

HISTÓRIA DA ARTE MODERNA GERAL

Docente: Prof^a Doutora Natália Marinho Ferreira Alves
Dr. Fausto Sanches Martins

1. Introdução.

1.1. Abordagem metodológica dos temas a desenvolver durante o ano lectivo.

1.2. Âmbito cronológico da disciplina.

2. O "trecento" italiano e a sua importância para a eclosão do fenómeno renascentista.

2.1. Giotto e o contributo da sua obra: visão medieval e os aspectos inovadores da sua pintura.

2.2. Taddeo Gaddi e a influência giottesca: a importância dada ao gesto.

3. Os Primitivos Flamengos e o desenvolvimento da pintura a óleo.

3.1. A Flandres do séc. XV: clientela e preferências estéticas.

3.2. Características da pintura flamenga do século XV. Flamengos.

3.3. Vultos mais representativos desta escola: Jan van Eyck; Roger van der Weyden; Hans Memling; Hugo van der Goes; Petrus Christus.

4. O "quattrocento" e as grandes conquistas no campo artístico.

4.1. A Renascença Italiana e os aspectos positivos da rivalidade mecénica.

4.2. As cortes dos príncipes renascentistas e o aparecimento de um poderoso mecenato.

4.3. Florença e os Médicis. O contributo da Academia Neo-Platónica para a formação de novos cânones artísticos.

4.4. A arte do "quattrocento".

4.4.1. As leis da perspectiva linear e o domínio do espaço.

4.4.2. O desenvolvimento dos estudos anatómicos e a importância crescente da fisionomia.

4.4.3. As inovações apontadas pela arquitectura florentina e as figuras de Gilippo Brunelleschi e Leão Battista Alberti.

4.4.4. A escultura da Primeira Renascença e o papel de Lorenzo Ghiberti, Donatello, Verrocchio e dos Della Robbia.

4.4.5. A pintura do século XV em Itália: escolas mais representativas e vultos mais relevantes.

- 5. A Alta Renascença: herança do "quattrocento" e a desmesura.**
- 5.1. Os grandes arquitectos da Alta Renascença e o primado de Roma.
 - 5.1.1. A importância crescente de Roma e o papel decisivo dos Papas.
 - 5.1.2. A interpretação romana da Renascença: Bramante, Miguel Ângelo, Rafael e António da Sangallo, o Novo
 - 5.2. A escultura italiana do século XVI e a figura de Miguel Ângelo.
 - 5.3. A pintura italiana do século XVI.
 - 5.3.1. Miguel Ângelo: o escultor-pintor.
 - 5.3.2. Leonardo da Vinci e a pintura encarada como ciência.
 - 5.3.3. Rafael Sanzio e a tentativa de síntese das grandes correntes da pintura da Alta Renascença.
 - 5.3.4. Veneza e a supremacia da côr.

6. O Maneirismo: génese e desenvolvimento de uma nova concepção estética.

- 6.1. Maneirismo/Classicismo: posições antagónicas. Características gerais da corrente maneirista.
- 6.2. As figuras de Leonardo, Rafael e Miguel Ângelo na origem do maneirismo.
- 6.3. A arquitectura maneirista em Itália e as figuras de Palladio, Serlio e Vignola.
- 6.4. A escultura maneirista florentina: Cellini, Ammanati e Giambologna - três visões artísticas.
- 6.5. A pintura maneirista italiana e algumas das escolas mais representativas (Florença, Parma e Siena).

7. O Barroco: arte da Europa Católica/arte da Europa Protestante - duas facetas de uma corrente artística.

- 7.1. Introdução geral à problemática do Barroco.
- 7.2. A Itália e a génese da arte barroca. A difusão do barroco: o gosto italiano e as expressões regionais.
- 7.3. A arquitectura barroca.
 - 7.3.1. A arquitectura barroca em Itália e as figuras de Maderno, Rainaldi, Bernini, Cortona, Borromini, Guarini e Longhena.
 - 7.3.2. O classicismo francês e o mecenato de Luís XIV.
 - 7.3.3. A influência italiana na arquitectura barroca europeia.
- 7.4. A escultura barroca italiana.
 - 7.4.1. A escultura barroca e a relação com a escultura helenística. A herança de Miguel Ângelo.

7.4.2. Alessandro Algardi e Gian Lorenzo Bernini: duas maneiras de entender a escultura.

7.5. A pintura barroca.

7.5.1. A pintura ilusionista e o seu papel em relação à arquitectura.

7.5.2. As duas vertentes da pintura barroca italiana. Os Carracci e Caravaggio.

7.5.3. A pintura espanhola do "Siglo de Oro": Ribeira, Zurbarán, Murillo e Velazquez.

7.5.4. A pintura flamenga do século XVII e o seu mais famoso representante: Rubens.

7.5.5. A pintura holandesa do século XVII e o seu expoente máximo: Rembrandt.

BIBLIOGRAFIA

ARGAN, Giulio Carlo - XVe. Siècle. De van Eyck à Botticelli, Paris, Skira/Flammarion

"- L'Europe des Capitales (1600-1700), Paris, Skira/Flammarion, 1964

BABELON, Jean - L'Art Espagnol, Paris, P.U.F., 1963

BATTISTI, Eugenio - La Renaissance à son apogée et le premier Maniérisme, Paris, Albin Michel, 1977

BAZIN, Germain - Classique, Baroque et Rococo, Paris, Larousse, 1965

"- Destins du Baroque, Paris, Hechette, 1968

BENEVOLO, Leonardo - Storia dell' Architettura del Rinascimento, Roma, Laterza, 1978

CHARPENTRAT, Pierre - L'Art Baroque, Paris, P.U.F., 1967

"- Baroque. Italie et Europe Centrale, Fribourg, Office du Livre, 1964

CHASTEL, André - Art et Humanisme à Florence au Temps de Laurent le Magnifique, Paris, P.U.F., 1961

"- Les Arts d'Italie, vol. 2, Paris, P.U.F., 1963

"- Le Grand Atelier d'Italie (1460-1500), Paris, Gallimard, 1965

"- La Renaissance Méridionale (Italie. 1460-1500), Paris, Gallimard, 1965

"- La Crise de la Renaissance. 1520-1600, Genève, Skira, 1968

"- Le Mythe de la Renaissance (1420-1520), Genève, Skira, 1969

DELUMEAU, Jean - L'Italie de Botticelli à Bonaparte, Paris, Armand Colin, 1974

"- Rome au XVIe Siècle, Paris, Hachette, 1975

HAGER, Werner - Architecture Baroque, Paris, Albin Michel, 1971

HEYDENREICH, Ludwig - Éclosion de la Renaissance. Italie. 1400-1460, Paris, Gallimard, 1972

LASSAIGNE, Jacques - La Peinture Flamande. Le Siècle de Van Eyck, Genève, Skira, 1957

MARAVALL, José Antonio - La Cultura del Barroco, Barcelona, Ariel, 1975

PANOFSKY, Erwin - Renascimento e Renascimentos na Arte Ocidental, Lisboa, Editorial Presença, 1981

PASSAVANT, Günter - Le Temps des Génies, Paris, Gallimard, 1970

PORTOGHESI, Paolo - Architettura del Rinascimento a Roma, Milano, Electa Editrice, 1978

SEBASTIAN, Santiago - Arte y Humanismo, Madrid, Ediciones Cátedra, 1978

"- Contrarreforma y Barroco, Madrid, Alianza Editorial, 1981

INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Docentes: Prof. Doutor Adalberto Dias Carvalho

Dr^a Eugénia Vilela

Dr^a Paula Cristina Pereira

Dr^a Maria João Couto

Dr^a Elsa Cerqueira

1. Problemática histórica e sociológica

1.1. A educação como um direito social e humano.

1.2. A insitucionalização escolar da educação.

1.2.1. Algumas teses sobre o estatuto da escola

1.3. A relação Escola/Cultura/Sociedade: as principais perspectivas da Sociologia da Educação.

1.3.1. O papel da cultura escolar.

1.4. Génese e desenvolvimento dos modelos educativos e escolares:

1.4.1. Matrizes culturais da educação contemporânea.

1.4.2. Evolução do estatuto da função docente e a emergência de um saber educacional específico.

2. Problemática pedagógica

2.1. A crise da pedagogia tradicional: seu sentido e actualidade.

2.2. O debate pedagogias da essência/pedagogias da existência; directividade/ não directividade; pedagogias da hetero- estruturação, da autoestruturação e da interestruturação.

2.3. Características e significado das pedagogias do projecto.

2.4. A formação de professores: o desafio da formação-inves-tigação.

2.5. Por uma pedagogia da complexidade ...

3. Problemática epistemológica

3.1. Aspectos da evolução recente da investigação educacional.

3.1.1. O processo de definição da educação como objecto de estudo científico.

3.1.2. O debate qualitativo-quantitativo.

3.2. Quadro geral das Ciências da Educação.

3.2.1. A questão da identidade, da autonomia e da abertura das Ciências da Educação.

4. Problemática antropológica

- 4.1. A educabilidade como dimensão antropológica.
- 4.2. Reprodução, criatividade e cultura escolar.
- 4.3. Projecto e utopia.
- 4.4. O corpo social e o corpo pedagogizado.
- 4.5. Razão e imaginação.
- 4.6. Liberdade e autoridade.
- 4.7. Recompensas e punições: um sentido antropológico.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

AVANZINI, G - A pedagogia no século XX, Lisboa, Moraes, 1978.

CARVALHO, A.- Epistemologia das Ciências da Educação, Porto, Afrontamento, 1988.

CLAUSSE, A.- A relatividade educativa. Esboço de uma história e de uma filosofia da escola, Coimbra, Almedina, 1976.

DE LANDSHEERE, G.- A investigação experimental em Pedagogia, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986.

FORQUIN, J.C. - École et Culture, Bruxelas, Ed. de Bocck--Wesmaes, 1989

MIALARET, G. - As Ciências da Educação, Lisboa, Moraes, 1976.

NÓVOA, A. - Le temps des Professeurs

NOT, L.; BRU, M. (sob direcção de) - Où va la pédagogie du project?, Toulouse, Ed. Universitaire du Sud, 1987.

NOT, L. (sob direcção de) - Une science spécifique pour l'éducation?, Toulouse, Publi. de L'Univ. de Toulouse-le-Mirail, 1984.

RESWEBER, J. P. - Les pédagogies nouvelles, Paris, P.U.F., 1986.

SYNDERS, G. - Para onde vão as pedagogias não directivas?, Lisboa, Moraes, 1976.

SUCHODOLSKI, B. - A pedagogia e as grandes correntes pedagógicas, Lisboa, Livros Horizonte, 1972.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Docentes: Prof. Doutor Leandro S. Almeida

Dr^a Fernanda Martins

Dr. Eurico Marques da Silva

Dr^a Bárbara Figueiredo

Dr^a Fátima Morais

1. Objectivos gerais

- Situar o estudo da adolescência no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento.
- Identificar as principais características da adolescência.
- Analisar as implicações do conhecimento da Psicologia da Adolescência na prática educativa.
- Identificar as principais Teorias da Aprendizagem e suas implicações psicopedagógicas;
- Relacionar aprendizagem e desenvolvimento como componentes de um estudo global do adolescente em situação educativa.
- Aplicar os conhecimentos a situações de ensino/aprendizagem.

2. Conteúdo programático

I. Psicologia e Educação.

1. Objecto e método da Psicologia: a Psicologia como ciência experimental.
2. Correntes actuais da Psicologia.
3. A Psicologia na formação de professores.

II. Psicologia do Desenvolvimento.

1. Teorias do desenvolvimento humano e suas implicações educacionais.
2. Abordagem desenvolvimento psicológico até à puberdade.
3. Abordagem específica do desenvolvimento do Adolescente.
 - 3.1. Introdução à adolescência.
 - 3.1.1. Perspectiva histórica e antropológica.
 - 3.1.2. A Adolescência no ciclo de vida.
 - 3.2. Dimensões do Desenvolvimento na Adolescência.
 - 3.2.1. Desenvolvimento físico e psico-sexual.
 - 3.2.2. Desenvolvimento cognitivo.

- 3.2.3. Desenvolvimento interpessoal/moral.
- 3.2.4. Desenvolvimento sócio-emocional.
- 3.2.5. Desenvolvimento vocacional e Identidade.
- 3.3. Problemas do desenvolvimento na adolescência.
- 3.4. Desenvolvimento psicológico do jovem-adulto.

III. Psicologia da Aprendizagem.

- 1. Definição e características da aprendizagem.
- 2. Principais concepções de aprendizagem e suas implicações educativas.
 - 2.1. Teorias Comportamentais.
 - 2.2. Teoria Humanistas.
 - 2.3. Teorias Cognitivas.
- 3. Programas de facilitação da aprendizagem.
 - 3.1. Programas de competência de estudo.
 - 3.2. Programas de treino de funções cognitivas.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BEE, H.- A criança em desenvolvimento, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1984
- CLAES, M.- Os problemas da Adolescência, Lisboa, Verbo, 1985
- GALLATIN, J.- Adolescência e Individualidade, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1978
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. - O mundo da criança: da infância à adolescência, S. Paulo, Mc Graw Hill do Brasil, 1981
- PIAGET, J.- Os seis estudos de psicologia, Lisboa, Ed. D.Quixote, 1974
- SNOWMAN, B.- Psychology Applied to Teaching, Boston, Houghton Mifflin Company, 1986
- SPRINTHALL, N.; COLLINS, A. - Adolescent Psychology: a Developmental view, New York, Random House, 1984
- SPRINTHALL, N.; SPRINTHALL, R. - Educational Psychology: a Developmental Approach, New York, Random House, 1981
- TAVARES, J.; ALARCÃO, I - Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Coimbra, Almedina, 1985

OPÇÕES



HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO

Docentes: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva
Dr. António Barros Cardoso

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.

2. A cidade medieval.

2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.

2.2. Administração municipal durante a Idade Média.

2.3. Vectores de desenvolvimento económico.

2.4. A Cidade e o Termo.

3. O Porto na época moderna.

3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.

3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.

4. O Porto no século de Oitocentos.

4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.

4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.

Sugestões de temas para investigação

. O Porto e a expansão portuguesa.

. Instituições de cultura na cidade.

. O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).

. Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipali Portucalensi asservantur..., 5 vols, 1911-1961

Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938

COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2ª edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

HISTÓRIA DE ARTE EM PORTUGAL

Docente: Dr. António Cardoso

1. O neoclassicismo:

Influências inglesa, italiana e francesa na arquitectura. O escultor João José de Aguiar. A pintura: Vieira Portuense; Domingos António de Sequeira; a oficina do Palácio da Ajuda; a "Escola do Porto" (José Teixeira Barreto, Joaquim Rafael, João Baptista Ribeiro).

2. A escultura naturalista:

Soares dos Reis: o romantismo e o realismo. Simões de Almeida e Texeira Lopes: o triunfo do naturalismo. A longa sobrevivência desta estética nas escolas de Lisboa e Porto e no gosto dominante.

3. Arquitectura e urbanismo:

A arquitectura do ferro. Engenheiros e arquitectos. Do eclectismo à "arte nova", ao movimento moderno. Os anos 30/40. A arquitecturado Estado novo. Tendências da arquitectura contemporânea.

4. A Pintura:

Do Romantismo ao Naturalismo. Da "possibilidade" romântica ao Naturalismo de Marques de Oliveira e Silva Porto. Henrique Pousão e a hipótese impressionista. O naturalismo epigonal. António Carneiro entre o naturalismo, o simbolismo e o expressionismo. Columbano e Malhoa ou "A Cidade e as Serras". O Modernismo Português. Rupturas, equívocos e tendências. Amadeo de Souza-Cardoso, o parêntesis e os novos caminhos do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

CARVALHO, Ayres de - Os três arquitectos da Ajuda, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1979

CHICÓ, Mario Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira e outros - Dicionário da Pintura Universal, vol. III ("Pintura Portuguesa"), Lisboa, Estúdios Cor, 1973

COSTA, Luís Xavier da - Domingos António de Sequeira. Notícia biográfica, Lisboa, Amigos do Museu, 1939

- FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no século XIX, 2ª ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981
- "- El siglo XIX, in "Summa Artis", vol. XXX ("Arte Português"), Madrid, Espasa-Calpe, 1986, pp. 399-482
- "- A Arte em Portugal no século XX, Lisboa, Bertrand, 1974
- "- Amadeo de Souza-Cardoso, 2ª edição, Lisboa, Inquérito, 1972
- "- António Carneiro, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1973
- "- Almada, o Português sem Mestre, Lisboa, Estúdios Cor, 1974
- "- O Modernismo na Arte Portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve, 1979
- GONÇALVES, Flávio - Um século de Arquitectura e Talha no noroeste de Portugal. 1750-1850, in "Boletim Cultural" da Câmara Municipal do Porto, vol. XXXII, 1-2, 1964, pp. 125-184
- MACEDO, Diogo de - Soares dos Reis. Estudo documentado, Porto, Lopes da Silva, 1945
- SANTOS, Reynaldo dos - Oito Séculos de Arte Portuguesa, 3 vols., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963-1970
- SMITH, Robert C. - The Art of Portugal. 1500-1800, London/New York, Meredith Press, 1968
- ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, 2 vols., Lisboa, Arcádia, 1979

HISTÓRIA URBANA GERAL E DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira Alves
Dr. Fausto Sanches Martins

1. Introdução.

- 1.1. A cidade: formas; funções e tentativa de definição.
- 1.2. Paisagem urbana: noção e elementos caracterizadores.

2. Aspectos do mundo urbano no Egipto Faraónico e na Mesopotâmia.

3. A cidade cretense e a cidade micénica.

4. O urbanismo clássico.

- 4.1. O nascimento e desenvolvimento da cidade grega.
- 4.2. A colonização e o aparecimento de novas cidades.
- 4.3. A cidade em Platão e Aristóteles.
- 4.4. O urbanismo etrusco e o ritual de fundação.
- 4.5. As cidades romanas: de Roma a Constantinopla.
- 4.6. A cidade em Vitruvius.

5. Urbanismo medieval.

- 5.1. A cidade medieval: orgiães e formas.
- 5.2. A rua e a praça na cidade medieval.
- 5.3. A cidade no mundo islâmico.
- 5.4. O Porto medieval.
- 5.5. Veneza.

6. Urbanismo do século XVI.

- 6.1. O novo ideal urbano.
- 6.2. A cidade dos teóricos. Cidade e utopia.
- 6.3. A nova arquitectura militar.
- 6.4. A Florença do século XVI.
- 6.5. Roma e as grandes transformações quinhentistas.

7. Urbanismo dos séculos XVII e XVIII.

7.1. Urbanismo e política.

7.2. Vauban e as novas muralhas.

7.3. As novas cidades - São Petersburgo.

7.4. Versalhes.

7.5. Roma.

7.6. Paris

7.7. Londres

7.8. Bath e a importância crescente das cidades termais.

8. O urbanismo em Portugal nos séculos XVII e XVIII.

XVIII. 8.1. Aspectos do Porto e de Lisboa antes da segunda metade do século

XVIII. 8.2. As transformações urbanas em Lisboa na segunda metade do século

XVIII. 8.3. As transformações urbanas no Porto na segunda metade do século

8.4. As cidades portuguesas setecentistas através dos livros de viagens.

9. A cidade e a festa nos séculos XVI, XVII e XVIII.

BIBLIOGRAFIA

BENEVOLO, Leonardo - Diseño de la ciudad, México, Ed. G. Gili, 1979

CHARRE, Alain - Art et urbanisme, "Que sais-je?", n° 2089, Paris, PUF, 1983

FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B. - O Porto na Época dos Almadás (1757-1804). Arquitectura. Obras Públicas, Porto, 1987

FRANÇA, José-Augusto - Lisboa Pombalina e o Iluminismo, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977

GUIDONI, Enrico; MARINO, Angela - Historia del urbanismo. El siglo XVI, Madrid, 1985

"- Historia del urbanismo. El siglo XVII, Madrid, 1982

LAVEDAN, Pierre; HUGUENEY, Jeanne - L'urbanisme au Moyen Age, Genève, Droz, 1974

SICA, Paolo - Storia dell'urbanistica. Il settecento, Roma-Bari, 1976

TEORIAS E CRÍTICA DA ARTE

Docente: Prof^a Doutora Natália Marinho Ferreira Alves

1. Introdução.

1.1. Abordagem metodológica.

1.2. As teorias da arte e a crítica da arte: gênese e evolução da disciplina.

2. O Homem e a criação artística.

2.1. A arte e o gosto.

2.2. O artista e a criação.

2.3. O papel da imaginação na gênese da obra de arte.

2.4. O belo e o feio. O completo e o inacabado. O racional e o irracional.

3. A Antiguidade Clássica.

3.1. A crítica da arte e a figura de Xenócrates.

3.2. A Beleza e as condições necessárias para a sua existência: a ordem, a proporção, o limite e a simetria.

3.3. As posições de Platão e de Aristóteles face ao fenómeno artístico: a imaginação, o prazer estético, o belo e a mimésis.

3.4. Roma e a admiração pelo pensamento helénico. A tentativa de conciliação das posições de Platão e de Aristóteles.

3.4.1. Cícero e Quintiliano: os cânones escultóricos e pictóricos dos "connaisseurs".

3.4.2. Vitruvius e a importância do seu tratado De Architectura. Aspectos contemporâneos da visão vitruviana.

4. A Idade Média.

4.1. A relação entre arte e espiritualidade.

4.2. A Beleza e o Divino.

4.3. Santo Agostinho e a sua teoria estética.

4.4. S. Tomás de Aquino e a sua concepção de Beleza.

4.5. O valor das enciclopédias e dos tratados de óptica.

5. O Renascimento.

5.1. O "Quattrocento" florentino e o neoplatonismo.

5.2. Os Comentários de Lorenzo Ghiberti e o ambiente artístico de Florença.

5.3. As leis da perspectiva linear e Filippo Brunelleschi: a definição das teorias renascentistas sobre o espaço.

5.4. O papel dos teóricos. A importância dos tratados de Leão Battista Alberti, Piero della Francesca e de Leonardo da Vinci.

5.5. Os escritos de Leonardo e as teorias da arte da Alta Renascença.

5.6. A Alta Renascença e as novas concepções artísticas. Castiglione e o valor atribuído à pintura.

5.7. Benedetto Varchi e a Dissertação sobre a primazia das artes: a importância do inquérito no contexto teórico-crítico renascentista.

5.8. As Vitae de Vasari: aspectos biográficos, teóricos e críticos.

5.9. O impacto das obras de Ludovico Dolce e de Paolo Pino: papel e a função do crítico.

6. O período barroco.

6.1. A arte barroca e as vertentes realista e classicizante.

6.2. As directrizes tridentinas e a sua influência nas artes plásticas.

6.3. O contributo dos escritos de Agucchi e Mancini para a compreensão das teorias apontadas pelos Carracci e da visão caravaggista.

6.4. A crítica da arte e as posições de Bellori e de Boschini.

BIBLIOGRAFIA

BEARDSLEY, M. C.; HOSPERS, J. - Estética: Historia y Fundamentos, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976

ECO, Umberto - Arte e Beleza na Estética Medieval, Lisboa, Editorial Presença, 1989

HAUSER, Arnold - Teorias da Arte, Lisboa, Editorial, Presença, 1973

KRIS, Ernest/KURZ, Otto - Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista, Lisboa, Editorial Presença, 1988

PANOFSKY, Erwin - Renacimiento y Renacimientos en el Arte Occidental, Madrid, Alianza Editorial, 1975

"- Idea. Contribución a la Historia de la Teoría del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1977

RICHARD, André - La Critique d'Art, Paris, P.U.F, 1968

SCHOLOSSER, Julius - La Literatura Artística. Manual de Fuentes de la Historia Moderna del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976

VENTURI, Lionello - Histoire de la Critique d'Art, Paris, Flammarion, 1969

COLECCÃO de 8 volumes - Fuentes y Documentos para la Historia del Arte, Barcelona, Gustavo Gili, 1982-1983

HISTÓRIA COMPARADA DAS RELIGIÕES

Docente: Dr. José Amadeu Coelho Dias

1. Análise do Cristianismo. Estudo de motivação.

2. Estudos do problema da Religião.

2.1. Da Sacralização à Secularização.

2.2. A ciência das Religiões.

2.3. Natureza e origem das Religiões.

2.4. Interpretações da Religião.

3. As religiões da Antiguidade

3.1. Prehistória e religiões tradicionais.

3.2. Religiões orientais e mediterrânicas.

3.3. Religiões ameríndias.

4. As Grandes religiões contemporâneas

4.1. Judaísmo.

4.2. Islamismo.

4.3. Hinduísmo.

4.4. Budismo, Taoísmo, Xintuismo.

BIBLIOGRAFIA GERAL

CAILLOIS, Roger - O homem e o sagrado, Lisboa, 1979

ELIADE, Mircea - Tratado de História Comparada das Religiões,
Lisboa, 1977

"- História das Crenças e das ideias religiosas, 4 tomos, Rio de Janeiro,
1978/80.

JAMES, Ewo - Introducción a la história de las religiones, Madrid,
1973

MESLIN, Michel - Aproximación a una ciencia de las religiones,
Madrid, 1978

WIDENGREN, Geo - Fenomenologia de la Religión, Madrid, 1976

HISTÓRIA DO BRASIL

Docentes: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos
Dr^a M^a da Conceição Meireles Pereira

1. Do Descobrimento à primeira organização territorial.
2. O período de formação (e delimitação) de fronteiras.
3. As fases (ou ciclos) da economia brasileira.
4. A Igreja: a missão e a formação cultural das gentes.
5. Formação da Sociedade multirracial brasileira.
6. De Pombal à Independência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALMON, Pedro - História do Brasil, Rio de Janeiro, 1963

CAMINHA, Pero Vaz de - Carta a D. Manuel, várias edições

CARDIM, Fernão - Tratados da Terra e Gentes do Brasil. S. Paulo, 2^a ed., 1939

Cartas Jesuíticas, Edições Itatiaia, 3 vols., 1988

CORTESÃO, Jaime - Obras Completas, várias edições

HOLANDA, Sérgio Buarque (dir. de) - História do Brasil, várias edições

MAURO, Frédéric (org. de) - O império luso-brasileiro 1620-1750, Lisboa, 1991

NÓBREGA, Manuel da - Diálogo sobre a conversão do gentio, várias edições

SALVADOR, Fr. Vicente do - História do Brasil, várias edições

SILVA, Maria Beatriz Nizza da - O império luso-brasileiro. 1750-1822, Lisboa, 1986

SODRÉ, Nelson W. - Formação Histórica do Brasil, várias edições

MATEMÁTICA PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Docente. Dr. Henrique David

1. A importância dos métodos quantitativos no processo de investigação.
 2. Os métodos quantitativos como meio de descrever a realidade social.
 - 2.1. Classificação e ordenação dos dados. Tabelas - Proporção, percentagem, razões, taxa e taxa de variação.
 - 2.2. Representações gráficas - Diagramas por pontos, polígonos de frequências (simples e acumulados), gráficos polares (fechados e abertos) gráficos em barras (histogramas simples e acumulados), cartogramas, esterogramas, organogramas, curvas de Lorenz, sociogramas, ideogramas, gráficos de planning, gráficos a três dimensões (gráficos triangulares), gráficos em degrau, pirâmides de idades (relações de masculinidade e índices - resumos), gráficos em papel logaritmico e semi-logaritmico.
 - 2.3. Medidas de Tendência Central - média aritmética, mediana e moda.
 - 2.4. Medidas de variabilidade ou dispersão - amplitude, desvio médio, desvio padrão, variância e coeficiente de variação.
 - 2.5. Uma medida de concentração - coeficiente de Gini.
3. Os métodos quantitativos como meio de interpretação e explicação da realidade social.
 - 3.1. Análise de variância.
 - 3.2. Teste de χ^2 .
 - 3.3. Análise de correlação simples - coeficientes de Pearson e de Spearman.
 - 3.4. Análise de correlação parcial e múltipla.
4. As séries temporais.
 - 4.1. Taxas de crescimento.
 - 4.2. Estudo da tendência pelo método das médias móveis.
 - 4.3. Análise de regressão.
 - 4.4. Movimento sazonal.
 - 4.5. Números-índices.
5. A qualidade dos dados demográficos - relação de masculinidade dos nascimentos, índice de Whipple, índice de irregularidade, índice combinado das Nações Unidas, equação de concordância.

6. Os indicadores demográficos - saldo natural ou fisiológico, saldo efrativo, taxa bruta de natalidade, taxa de fecundidade geral, taxa de fecundidade geral por grupos de idades, descendência média, taxa bruta de reprodução, taxa líquida de reprodução, taxa de fecundidade legítima, taxa de fecundidade ilegítima, taxa de ilegitimidade, taxa bruta de nupcialidade, taxa bruta de mortalidade, taxa de mortalidade infantil (clássica, verdadeira, endógena, exógena, neonatal, pós-natal, fetal tardia ou mortinatalidade, pré-natal, feto-infantil e perinatal), esperança de vida à nascença, sobremortalidade masculina.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

ALCAIDE INCHAUSTI, Angel - Estatística aplicada a las Ciencias Sociales, Madrid, Ediciones Piramide, 1975

FLOUD, Roderick - Métodos cuantitativos para historiadores, Madrid, Alianza Editorial, 1975

LAROUSSE, Christian - Estatística descritiva, Porto, Rés Editora, s.d.

LEVIN, Jack - Estatística aplicada às Ciências Humanas, S. Paulo, Editora Harper & Row do Brasil, 1978

NAZARETH, J. Manuel - Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1981

"- Princípios e métodos de análise da demografia portuguesa, Lisboa, Editorial Presença, 1988

NAZARETH, J. Manuel; SOUSA, Fernando de - A demografia portuguesa em finais do Antigo Regime - aspectos sócio-demográficos de Coruche, "Cadernos da Revista de História Económica e Social", nº4, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983

ÍNDICE

Introdução

Programas:

História Moderna de Portugal	1
Sociedade, Economia e Política na Época Moderna	3
Cultura e Mentalidades na Época Moderna	7
História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa	9
Epigrafia e Numismática	12
Arqueologia Clássica	15
História de Arte Moderna em Portugal	17
História da Arte Moderna Geral	19
Introdução às Ciências da Educação	23
Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem	25

Opções:

História da Cidade do Porto	1
História de Arte em Portugal	3
História Urbana Geral e de Portugal	5
Teorias e Crítica da Arte	7
História Comparada das Religiões	9
História do Brasil	10
Matemática para as Ciências Humanas e Sociais	11

COLÓQUIOS E CONGRESSOS PROMOVIDOS OU APOIADOS PELA F.L.U.P.

- O Porto na Época Moderna* (Centro de História U.P., Novembro de 1979)
Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Instituto de Arqueologia, Novembro de 1983)
I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, Novembro de 1984)
Victor Hugo e Portugal (7-10 de Maio de 1985)
II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985)
Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Instituto de Estudos Ingleses, 15-18 de Outubro de 1986)
Problemáticas em História Cultural (Instituto de Cultura Portuguesa, Outubro de 1986)
I Congresso de Literaturas Marginais (23-25 de Abril de 1987)
La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation (Maio de 1987)
Óscar Lopes. Homenagem da Associação de Estudantes da FLUP (Maio de 1987)
Congresso Internacional «Bartolomeu Dias e a sua Época» (Universidade do Porto - Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses, 21-23 de Setembro de 1988)
Eça e "Os Maias", I Encontro Internacional de Queirozianos (Novembro de 1988)
1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Instituto de Estudos Germanísticos, 6-7 de Outubro de 1988)
Encontro de Literatura Suíça (Maio de 1989)
A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil (Novembro de 1989)
Colóquio Comemorativo do 150º do Nascimento de Thomas Hardy (6-7 de Dezembro de 1990)
Colloque International Edouard Glissant (24-27 de Outubro de 1990)
Colóquio Evocativo do 50º Centenário da Morte de F. Scott Fitzgerald (Instituto de Estudos Norte-Americanos, 6-7 de Dezembro de 1990)
Jornadas Literárias Suíças (15-17 de Abril de 1991)
Colóquio com Michel Mohrt (Acad. Francesa) e com os romancistas Maurice Poirard e Catherine Axelrad (19-21 de Junho de 1991)
Colóquio da Comissão Internacional de Diplomática (9-12 de Setembro de 1991)
Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (20-22 de Novembro de 1991)
Colóquio «Educação, Cultura e Cultura Escolar» (17 de Janeiro de 1992)
Congresso «Municipalismo e Desenvolvimento no Noroeste Peninsular» - 140º Aniversário da Fundação do Concelho do Marco de Canaveses (26-28 de Março de 1992)
Noites de Sociologia «Mudam-se os Campos, Mudam-se as Cidades»; «Cultura, Trabalho e Formação das Identidades Juvenis»; «O admirável Mundo Novo da Empresa?»; «Novos Movimentos Sociais: o Adeus às Lutas?» (29 de Abril, 7, 14, 20 de Maio de 1992)
Encontro do «Núcleo de Estudos Medievais - Linguística e Literatura» (4 de Maio de 1992)
Ciclo de Colóquios «Do Corpo Interdito ao Corpo Pedagógico»; «Determinismo(s) e Liberdade em Educação» (Instituto de Ciências da Educação, 21-28 de Maio de 1992)
Corte e Espiritualidade em Portugal (Séculos XVI-XVIII) (Instituto de Cultura Portuguesa, 28-30 de Maio de 1992)
XX Internationals Mediävistisches Colloquium (13-20 de Setembro de 1992)
VI Colóquio Ibérico de Geografia. A Península Ibérica - Um Espaço em Mutaçao (Instituto de Geografia, 16-20 de Setembro de 1992)
Linguagem. Colóquio de Homenagem a Vergílio Ferreira, nos cinquenta anos da sua vida literária (28-30 de Janeiro de 1993)

ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS

- O Porto na Época Moderna* (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), "Revista de História", Porto, INIC/Centro de História UP, vol. II, 1979, vol III, 1980
- Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste* (Novembro de 1983), "Portugalia", Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984
- I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia* (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986
- II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval* (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987,1989
- Problemáticas em História Cultural* (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987
- Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte.* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987). Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fondation Calouste Gulbenkian, 1987
- Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor* (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988
- La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988
- Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua Época"*, 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989
- Dois Línguas em Contraste: Português e Alemão.* Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989
- Encontro de Literatura Suíça* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1989), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, 1989
- Eça e "Os Maias"*, I Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990
- A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil* (Faculdade de Letras do Porto, 2-9 de Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992